

THE LOVES OF THE LADY PURPLE – A atribuição da culpa à mulher num conto de Angela Carter.

Fernandes Ferreira de Souza –UEMS

TROUBLE – (Leiber/Stoller)

If you're looking for trouble  
You came to the right place  
If you're looking for trouble  
Just look right my face

I was born standing up  
And talking back  
My daddy was a green eyed mountain Jack  
'cause I'm evil  
My middle name is misery  
Well, I'm evil  
So, don't you mess around with me

I never looked for trouble  
But I never ran  
I don't take no orders  
From no kind of men  
I'm only made of flesh, blood and bone  
But if you're gonna start a rumble  
Don't you try it all alone

A leitura do conto “The loves of the Lady Purple” de Ângela Carter (1986) explicita ironicamente através da trajetória da personagem, a antiga idéia que a mulher arruína tudo que toca e a todos que encontra pelo caminho, especialmente àqueles a quem deveria ser grata, àqueles a quem deve a vida. Ela é uma criação do Professor Asiático, um incrível mestre de marionetes que ao longo de sua existência tem encantado diversas multidões com suas fantásticas apresentações. O Professor tinha apenas dois ajudantes, um sobrinho surdo e uma garotinha idiota que havia recolhido em uma de suas andanças, mas estes não tinham permissão para tocar em Lady Purple, a Rainha da Noite. Este universo controlado pelo Professor encontra-se em harmonia, pois é por ele controlado, seus ajudantes são literalmente incapazes de alterar a ordem devido a suas falhas naturais: surdez e idiotice. A autora introduz aqui dois arquétipos femininos: uma garota idiota que jamais terá direito à voz e Lady Purple, linda, graciosa, voluptuosa, mas apenas uma boneca, uma marionete habilmente controlada pelo velho Professor. Lady Purple tinha olhos feitos de rubi, seus dentes, de pérola, sua pele feita com o mais branco e flexível couro existente. Mãos semelhantes a uma arma devido às longas unhas sempre pintadas de vermelho. Sua cabeleira era uma peruca com um penteado tão pesadamente elaborado que nenhum pescoço humano seria capaz de suportar e arrematado com alfinetes feitos de pedacinhos de espelho, os quais conferiam reflexos cintilantes aos seus movimentos de dança. Suas roupas sempre de cores profundas e escuras variando do rosa, passando pelo carmesim e chegando ao roxo, todas relacionadas à cor do sangue em um relacionamento suicida. Ela fora confeccionada artesanalmente por algum artista anônimo e era apenas uma estrutura curiosa até quando suas cordas foram tocadas pelo Professor, foi como se através deste ato ele

transmitisse vida a ela, vida que derivava de sua morte progressiva. Teríamos aqui uma clara referência à mulher que depende de um encontro com o masculino para passar a ser, a existir, dependendo totalmente do outro. E quando ela dançava, para a platéia não era apenas uma marionete, e tampouco uma simples mulher, era uma deusa, só assim para admitir aquela ousadia tão ofensivamente sedutora. Terminada a apresentação da Lady Purple, com a platéia em êxtase, era o Professor quem dedicadamente trocava suas roupas e jóias, colocava-a então numa caixa especialmente construída para isto e não a deixava no teatro mas levava-a para sua casa pois, afinal de contas, não conseguiria dormir se ela não estivesse ali, deitada ao seu lado, em sua cama.

## A PERFORMANCE DE LADY PURPLE

O espetáculo de Lady Purple, intitulado “Os Notáveis Amores de Lady Purple, a Desavergonhada Vênus Orienta” ocupava um lugar de destaque na programação do show de marionetes e consistia da narração de sua história, habilmente contada pelo Professor, que fazia as vezes de narrador e da própria personagem, quando alterava a sua voz gutural para uma outra voz, agora murmurando lascivamente, capaz até de provocar arrepios de prazer na platéia. O show iniciava-se contando a infância de Lady Purple, que com apenas alguns dias de vida fora abandonada na porta de um próspero comerciante e sua esposa estéril. Aos 12 anos de idade, embora tendo recebido toda a atenção e educação possível, ela seduz seu pai, o qual confia a ela a chave de seu cofre. Lady Purple empacota seu tesouro, que consta de dinheiro, roupas e jóias em uma cesta e após assassinar seus pais utilizando uma faca de cozinha, coloca fogo na casa, apagando todo e qualquer traço de sua existência e ganha as ruas, como uma fênix corrupta que alça vôo das cinzas de seu crime. Ela consegue um emprego no mais imponente prostíbulo da cidade. Esta parte inicial do espetáculo mostra claramente a perturbação causada por esta presença feminina, ela fora a ruína de seus bondosos pais adotivos, quiçá também de seus pais biológicos e por isto mesmo abandonada na rua envolvida em apenas um velho cobertor. Se isto causava horror aos olhos da platéia, este era logo substituído por um fascínio inexplicável.

No bordel, antes de completar quinze anos de idade, ela, em suas botas de couro, tornou-se uma mestra na arte de usar o chicote, a seguir, ela dominava os mistérios da câmara de tortura, onde utilizava os mais diversos e requintados instrumentos de tortura, os quais eram considerados pelos seus amantes como pão e vinho. A dor e a humilhação a eles impostas por aquela mulher eram um preço barato para experimentar da sua intimidade. Seu próximo passo foi ter seu próprio bordel e agora seu preço era tão elevado que podia custar a um homem o seu patrimônio, além de seus sonhos e esperança, após o que ele era devidamente abandonado ou então trancado em um armário e obrigado a vê-la satisfazer os desejos de qualquer mendigo escolhido na rua e trazido até sua cama gratuitamente. Não satisfeita, ela começou a assassinar e esquartejar seus amantes, os sobreviventes e já na parte final do show, desfilavam perante Lady Purple, e faziam-no vestidos em trapos, com os olhos fixos no vazio e com suas mentes obcecadas pelo nada.

E assim como um show pirotécnico chega ao fim, a carreira de Lady Purple termina em cinzas, desolação e silêncio. Agora ela encontra-se numa situação pior que a de seus amantes e sobrevive escalpando cabeças de afogados para vender os cabelos a peruqueiros. E num gesto final de desespero, quando ela tornou-se nada além de madeira e cabelo, ela pratica atos necrófilos com os cadáveres retirados do mar. Ela abriu mão de sua

humanidade, tornou-se de fato uma marionete, uma réplica de si mesma, uma vaga lembrança da desavergonhada Vênus Oriental . Era o preço que ela pagava por ter atingido o território masculino, do qual era agora uma exilada.

## QUANDO AS CORTINAS SE FECHAM

Os anos e as viagens começaram finalmente a produzirem efeitos no Professor Asiático e ele reclamava com seu sobrinho, através de uma língua de sinais, das dores, problemas respiratórios e tragicamente do enrijecimento dos músculos. Sua posição de comandante do show estava ameaçada e, de maneira relutante, ele passou as tarefas mais árduas do seu trabalho a seu sobrinho, como montar e desmontar as marionetes, mas ele jamais poderia tocar em Lady Purple. Esta não fora atingida pela idade até o dia em que o Professor percebeu que a mortalha por ela usada no último ato estava descosturada, profundamente desolado ele a despiu e decidiu, ele mesmo, com agulha e linha, consertá-la. A tarefa era bem mais difícil do que parecia a princípio, pediu então pra ficar sozinho, pois necessitava de concentração para dar cabo do serviço. Como sempre fazia quando estavam a sós, o Professor conversava com ela em sua língua nativa, incompreensível aos ouvidos de qualquer um, falando-lhe do tempo, reclamando das dores e enquanto isto, imperceptivelmente uma suave névoa ameaçava cobri-los completamente, a despeito de uma velha lamparina pendurada em um prego na parede. Terminado o remendo, ele levantou-se e podia se ouvir o estalar de seus ossos e foi guardar a velha roupa da marionete ao lado de uma outra, esta porém, brilhante, coberta de púrpura, que era usada em sua dança horripilante. Às vésperas de deitá-la, nua, em seu estojo e levá-la de volta ao quarto ele parou. Ele desejava ardentemente vê-la ricamente trajada uma vez mais naquela noite. Pegou o vestido e iniciou o ritual, agindo e falando como se estivesse vestindo um bebê:

“There, there, my pretty; this arm here, that’s right! Oops a daisy, easy does it...” (Carter, 1986).

Colocar nela a peruca exigiu-lhe muito esforço mas finalmente lá estava ela, vestida e maravilhosa e a pouca luz não permitia observar nela o seu ar de arrogância e até mesmo suas longas unhas pareciam agora tão inofensivas como se fossem dez pétalas. O Professor tinha ainda um outro estranho hábito, dar-lhe sempre um beijo de boa noite. Qualquer criança faz isto, sabendo em seu íntimo que como seus bonecos não foram construídos com a habilidade fechar os olhos serão sempre um exemplo de uma bela adormecida que não despertará com um beijo, portanto, o velho Professor, triste e humildemente, inclina-se e com a boca úmida, aberta e sedenta prepara-se para beijar a boneca de madeira que, subitamente, desperta. E é através deste beijo mortal que ela lhe suga a vida, o ar de seus pulmões que lhe aviva o próprio peito. O Professor, sem tempo para emitir qualquer som, sente que os dentes de pérola cravaram em sua garganta e seu sangue se esvai, e agora vazio, cai a seus pés, inútil e privado de qualquer significado, exatamente como ficavam os amantes diante da implacabilidade daquela *femme fatale*. Impacientemente, ela arrebenta suas cordas e vendo-se livre de todas aquelas amarras, flexiona suas mãos, estica seus braços e pernas e pela primeira vez na vida, consegue, ainda que com alguma dor, desfazer-se daquele sorriso eterno que lhe fora cravado em sua face, e, prazerosamente fecha a boca e bate os pés no chão, para que o sangue corra livremente por suas veias. Era uma mulher pronta a assumir as rédeas de seu próprio destino.

Sentiu seus próprios fios de cabelo nascerem de sua cabeça e arrepiou-se de prazer ao sentir frio mas algo lhe disse que aquela não era uma experiência prazerosa então pega o xale do Professor e cuidadosamente coloca-o sobre seus ombros, envolvendo seu corpo. A névoa lá fora começa a dissipar-se rapidamente e Lady Purple parece então uma figura barroca, uma sobrevivente de um naufrágio, atirada à margem pelas ondas.

Se ela era uma recém-nascida, se havia retornado á vida ou tornado viva, se havia despertado de um sonho ou se estava agora sonhando, o fato é que ela não tinha noção do que era viver, tudo que seu cérebro guardara eram suas performances teatrais às quais ela não poderia escapar. Quando marionete, parodiara uma mulher viva, e agora tinha como única opção parodiar uma marionete. Deliberadamente, derruba a lamparina de óleo e as primeiras chamas de fogo devoram as cortinas. O corpo do professor ardia em chamas mas ela não voltou seu olhar. Tudo ardia em chamas e Lady Purple ganhava as ruas e sua presença era iluminada apenas pela lua, metade obscurecida por uma nuvem e assim ela caminhava rapidamente e como um pássaro que volta ao lar, ela direciona seus passos para o único bordel daquele lugar.

De acordo com Oliveira (1999):

“As mulheres tentaram a passagem da fronteira do mundo dos homens, arrastando, escondidas, as raízes plantadas em casa. Adotaram estilos de vida masculinos sem que os homens se feminizassem. Assim ficaram, entre dois mundos, compatibilizando estilos de vida e modos de comunicação diferentes, recebendo da sociedade uma ordem esquizofrenizante: seja homem e seja mulher”.

## BIBLIOGRAFIA

CARTER, Ângela. **Wayward girls and wicked women**. London: Virago, 1986.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.